

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM: Uma Leitura da Obra de Mario Osorio Marques

Cledes Antonio Casagrande¹
Cristine Gabriela de Campos Flores²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir os conceitos de educação e de aprendizagem como processos de formação contínua e integral na obra de Mario Osorio Marques, destacando suas implicações para o campo da educação. Metodologicamente, trata-se de um texto ensaístico, no campo da filosofia da educação, fundamentado em revisão de literatura e exercício hermenêutico. A leitura realizada revelou que a obra de Marques resgata e reinterpreta o conceito de educação como um processo formativo integral e contínuo do ser humano, abrangendo as múltiplas dimensões do humano e valorizando a abertura ao outro, à natureza e à sociedade; compreende a aprendizagem não como mera adaptação ao existente ou simples acréscimo de conhecimentos e habilidades, mas, como um processo de reconstrução autotranscendente do ser humano e dos componentes estruturais do mundo da vida – a cultura, a sociedade e a identidade; demonstra o necessário exercício hermenêutico reconstrutivo em educação por parte dos seus atores; enfatiza o papel da escola e das instituições educativas nos processos de aprendizagem e na formação de sujeitos autônomos, responsáveis e aptos a atuar em uma sociedade democrática; e, por fim, destaca a Pedagogia como ciência da educação e dos educadores.

Palavras-chave: Educação; Formação; Aprendizagem; Humanização; M. O. Marques.

EDUCATION, FORMATION, AND LEARNING: A READING OF MARIO OSORIO MARQUES' WORKS

ABSTRACT

This article aims to discuss the concepts of education and learning as processes of continuous and holistic formation in the work of Mario Osorio Marques, highlighting their implications for the field of education. Methodologically, it is an essay-based text within the field of philosophy of education, grounded in literature review and hermeneutic analysis. The study revealed that Marques' work: revisits and reinterprets the concept of education as a holistic and continuous formative process of the human being, encompassing multiple dimensions of human existence and emphasizing openness to others, nature, and society; understands learning not as a mere adaptation to the existing reality or as the simple accumulation of knowledge and skills, but as a process of self-transcendent reconstruction of the human being and the structural components of the lifeworld – culture, society, and identity; demonstrates the necessity of a reconstructive hermeneutic exercise in education by its practitioners; emphasizes the role of schools and educational institutions in learning processes and in the formation of autonomous, responsible individuals capable of acting in a democratic society; and highlights Pedagogy as the science of education and educators.

Keywords: Education; Formation; Learning; Humanization; M. O. Marques.

Submetido em: 1/12/2024

Aceito em: 13/4/2025

Publicado em: 30/7/2025

¹ Universidade La Salle. Canoas/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1499-1661>

² Universidade La Salle. Canoas/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9336-8557>

INTRODUÇÃO

Na obra de Mario Osorio Marques, os conceitos de educação e formação estão profundamente interligados, sendo frequentemente usados de forma complementar, o que denota sua complexidade, abrangência e centralidade. Além disso, educação e formação correlacionam-se com aprendizagem e humanização. Por isso, segundo Marques, a educação é compreendida como um processo amplo e contínuo de humanização, por meio de aprendizagens permanentes, pelo qual o ser humano constrói e reconstrói a si mesmo na interação com outros seres humanos, com a cultura e com a natureza. Esse processo formativo integra as dimensões ética, social, estética e autobiográfica, promovendo a socialização, a transmissão cultural, a constituição da identidade pessoal e o desenvolvimento da autonomia crítica.

Para Marques (1996), a aprendizagem é entendida como uma capacidade e um processo essencial ao ser humano, fundamentada na interação social e na linguagem, que possibilita a construção contínua de si mesmo, da cultura, da sociedade e da personalidade. Esse processo abrange três dimensões principais: a singularização, que valoriza as particularidades de cada indivíduo; a interação social, que ressalta o papel do diálogo e da linguagem na formação humana; e a transcendência, que projeta o aprendizado para além do presente, orientando o indivíduo para a transformação de si, da sociedade e do mundo no qual vive.

Na abordagem de Marques (1993, 2000a) sobre formação humana e aprendizagem destaca-se, também, a conexão teórica com as categorias de conhecimento e de Pedagogia. Do ponto de vista educacional, essas categorias fundamentam propostas educativas que valorizam a construção coletiva de saberes, a autonomia e a participação ativa dos indivíduos na apropriação da cultura e na reconstrução dela, promovendo o desenvolvimento de cidadãos críticos e engajados com a transformação social. A perspectiva pedagógica de Marques propõe ações pedagógicas fundamentadas na intersubjetividade, no diálogo e na escuta, promovendo a construção de identidades pessoais e comunidades de aprendizagem por meio da interação contínua entre os sujeitos e deles com o mundo.

É importante destacar o exercício hermenêutico reconstrutivo proposto por Marques, tanto em relação à tradição filosófica e educativa ocidental quanto em relação aos pressupostos da modernidade (Marques, 1988, 1993). O conceito de educação por ele empregado guarda relação direta com a tradição pedagógica ocidental, com o conceito de *Paidéia* grega e o de formação do Humanismo. Além disso, seus textos apontam um posicionamento de crítica reconstrutiva diante dos elementos constitutivos do paradigma da modernidade e, conseqüentemente, um intrínseco exercício de revisão epistêmico-hermenêutico, com a clara opção por uma “intersubjetividade da livre comunicação entre os atores sociais” (Marques, 2000c, p. 74).

Igualmente, a perspectiva hermenêutica de Marques se alinha às ideias de Habermas³ sobre a construção e reconstrução da cultura, o estabelecimento de laços sociais de solidariedade e a formação da identidade pessoal (Marques, 1993, 2000a, 2000b). Os processos interativos e comunicativos presentes na educação reforçam a importância da interação e da convivência como práticas educativas essenciais, pois a comunicação é o mecanismo pelo qual são construídas e mantidas as estruturas culturais, sociais e pessoais que compõem o mundo da vida (Habermas, 2012a, 2012b). A educação, nesse contexto, torna-se uma prática que não pode prescindir da interação humana, pois é por meio dela que os sujeitos aprendem, se socializam e se constroem como indivíduos. As práticas pedagógicas, portanto, devem priorizar o desenvolvimento de estratégias que favoreçam o entendimento e a cooperação solidária entre os estudantes, reforçando o papel da escola como espaço de formação integral da cultura, da solidariedade e da personalidade ou identidade.

Este artigo caracteriza-se, em seu delineamento metodológico, como um ensaio teórico, com revisão bibliográfica, situado no campo da filosofia da educação, com esforço hermenêutico para compreender os textos do autor e apontar seus significados e sentidos atuais. Ele parte do seguinte problema: Qual a compreensão de Mario Osorio Marques sobre educação e aprendizagem e quais as possíveis implicações desses conceitos para a educação atual?

Em termos gerais, entendemos que a obra de Marques é relevante no campo educacional brasileiro por conter, entre outros elementos, uma leitura pertinente da educação e da aprendizagem. Além disso, a releitura dos textos deste autor faz justiça ao seu trabalho e à sua atuação concreta como educador, pesquisador e intelectual da educação⁴. É justificável, portanto, o exercício de retomada da sua obra e do seu pensamento, mesmo que de modo parcial, como o que aqui é proposto. Nesse sentido, e retomando parte da obra desse autor, concebemos este artigo com o objetivo de discutir os conceitos de educação e de aprendizagem como processos de formação contínua e integral na obra de Mario Osorio Marques, destacando suas implicações para o campo da educação.

O texto está organizado em três tópicos. O primeiro aborda o conceito de educação como formação contínua e integral do ser humano. O segundo discute a aprendizagem como tarefa de construção e reconstrução dos componentes estruturais do mundo da vida: cultura, sociedade e personalidade. O terceiro analisa algumas implicações da leitura dos textos de Marques para o campo da educação e para as

³ Os textos de Marques carregam claras marcas do pensamento habermasiano. Neste ensaio, não é aprofundada a relação entre os dois autores; apenas são mencionados alguns textos de Habermas com os quais os escritos de Marques dialogam, tais como “Teoria do agir comunicativo”, volumes I e II (Habermas, 2012a, 2012b); “O discurso filosófico da modernidade” (Habermas, 2002a); “Pensamento pós-metafísico” (Habermas, 2002b); e, “Consciência moral e agir comunicativo” (Habermas, 2003).

⁴ Aqui nos alinhamos à obra de Bouffleuer e Rezer (2016, p. 15), no significativo artigo sobre a biografia de Mario Osorio Marques acerca da importância e do impacto da sua obra, visto “sua participação na vida pública como cidadão e líder comunitário e sua produção intelectual, especialmente no campo da pesquisa teórica em que se destacou como um pensador da educação”.

práticas pedagógicas, evidenciando o exercício hermenêutico reconstrutivo do autor, a educação como tarefa de construção e reconstrução do humano, a centralidade dos processos de aprendizagem na educação e a Pedagogia como ciência da educação e dos educadores.

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO CONTÍNUA E INTEGRAL

Os conceitos de educação e formação estão interligados na obra de Mario Osorio Marques e em alguns textos são usados de forma intercambiável. Não é nossa intenção aqui definir com exatidão o significado de cada um desses termos. Tampouco nos interessa rastrear a quantidade de vezes que cada termo foi empregado, pois entendemos que é mais consistente com a história e a obra do autor realizar um exercício hermenêutico, buscando compreendê-los e enfatizando seus significados e implicações ao campo educacional.

Nos escritos de Marques, a educação pode ser entendida como um processo amplo e abrangente, que visa ao desenvolvimento integral e contínuo dos indivíduos, o que a aproxima, necessariamente, do conceito de formação. Ele define a educação como um “fenômeno primordial e básico da vida humana, congênere e contemporâneo da própria vida em todas as suas fases e situações” (Marques, 1996, p. 51). Dessa forma, a educação se apresenta como o processo pelo qual os indivíduos constroem e reconstróem a si mesmos em interação contínua com os outros, com a sociedade e com o mundo ao seu redor, ou seja, educar emerge como sinônimo de humanizar.

Na compreensão da educação como formação e humanização ressoa a afirmação de Freire (1969) de que o homem não pode ser pensado como um ser pronto ou uma realidade acabada, mas como um ser em constante processo de desenvolvimento, buscando autorrealização e crescimento. Esse sistema de formação é ininterrupto, e o ser humano, como ser inacabado, evolui e se transforma continuamente por meio da aprendizagem no seio da cultura e de uma comunidade humana.

O conceito de educação como processo formativo nos remete, necessariamente, a um diálogo com os conceitos clássicos de educação, como aquele da *Paidéia* e do Humanismo (Marques, 1993, 1996). Dessa forma, podemos dizer que vemos em Marques o intento de resgatar e reinterpretar o significado da educação como processo formativo integral e contínuo do ser humano, que integra aspectos éticos, sociais, estéticos e autobiográficos, e implica a experiência de abertura ao outro, à natureza e à sociedade, como elementos fundamentais para o crescimento pessoal e comunitário. Nesse sentido, educar implica mais do que ensinar a ler, escrever ou calcular, ou ainda, desenvolver competências e habilidades. Charlot (2006), alinhado à essa perspectiva, afirma que a educação vai além da instrução, e constitui um processo triplo de humanização, socialização e singularização-subjetivação. Essa visão nos remete, igualmente, à afirmação clássica de Kant (2004) de que a educação é o meio pelo qual o homem se torna verdadeiramente humano. Assim, o conceito de educar transcende o de ensinar e se alinha ao de formação contínua e integral do ser humano.

No processo de construção e reconstrução de si mesmo e do mundo, a educação emerge como “ação proposital de um grupo humano sobre si mesmo e sobre sua continuidade através das novas gerações” (Marques, 1996, p. 52). Essa ação implica participação em processos de socialização, de aprendizagem cultural e de configuração da própria personalidade. Logo, percebemos a existência de três planos compreensivos no conceito de educação como formação: a) educação como uma ação social planejada; b) educação como ação da e na cultura; e, c) educação como subjetivação.

No primeiro plano, a educação denota uma ação social planejada e direcionada à formação de novos membros da sociedade. Trata-se, portanto, de uma ação exercida externamente sobre um sujeito que precisa ser formado como ser humano e como novo integrante da comunidade. Em outras palavras, é uma ação intencional realizada pelos que antecedem a vida social daqueles que estão sendo formados, demonstrando cuidado, responsabilidade e preocupação com as novas gerações (Arendt, 2005). Nessa mesma linha argumentativa, Durkheim (1978) descreveu a educação como uma ação planejada e exercida pelas gerações adultas sobre as gerações mais jovens, com o objetivo de desenvolver as competências físicas, intelectuais e morais exigidas pela sociedade. Essa perspectiva ressalta a intencionalidade da educação como uma ação social e política, um esforço coletivo para garantir a integração social, o desenvolvimento pessoal e a formação para uma cidadania ativa e democrática.

No segundo plano, compreende-se que, em contato com a cultura na qual está inserido, o sujeito se apropria de conteúdos, valores e significados que auxiliam a dar sentido à sua vida. Nesse processo, os sujeitos adotam, reinterpretam e criam valores, normas e saberes que permitem a construção de suas identidades e de um senso de pertencimento social. A educação, nesse plano, promove a construção de sujeitos capazes de atuar e intervir em sua realidade. Com essa mesma perspectiva, Marques (1996) defende que os homens se constroem como seres em sociedade à medida em que, por sua ação no mundo, modelam a si mesmos, as suas condições de existência e o seu mundo. A educação é esse próprio existir histórico do homem, ou a realização da historicidade humana na concretude das situações espaço-temporais específicas.

No terceiro plano, o da subjetivação, o conceito de educação alinha-se aos conceitos de humanização e de formação da identidade pessoal, visto que, mediante a educação enquanto processo amplo de formação, o ser humano humaniza-se e constitui-se a si mesmo, ao mesmo tempo em que se socializa e se insere em uma cultura. Desse modo, por meio de processos formativos e aprendizagens contínuas, o sujeito constrói e reconstrói a si mesmo na relação com o outro, com a cultura, a sociedade e o mundo (Casagrande; Hermann, 2020). O processo de subjetivação é fundamental para o desenvolvimento da identidade pessoal e para a estabilização de um saber pessoal de si mesmo. Habermas, por exemplo, interpreta “a personalidade como o conjunto de competências que tornam um sujeito capaz de fala e de ação” (Habermas, 2012b, p. 253), habilitando-o a viver em comunidade.

Acrescentamos a essa discussão a afirmação de Marques (2000a, p. 22) de que “a ascensão do sujeito ao nível histórico-social da humanidade não pode prescindir de sua objetividade natural reconhecida e valorizada”. Para este autor, na vida humana as dimensões biológica, psíquica e social e o caráter singular de cada ser humano são inseparáveis. A educação, como apontado, abrange o desenvolvimento integral do ser humano, abarcando as suas múltiplas dimensões, como a cognitiva, a prático-moral, a expressivo-estética e a cultural. Além disso, podemos dizer que entre os objetivos da educação está o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de pensar criticamente, permitindo que o indivíduo se torne um cidadão consciente, responsável e participativo na sociedade.

Na obra de Marques também vemos ressoar uma preocupação ética e política, especialmente da geração adulta em relação às novas gerações, com a dimensão histórica e social da vida humana, bem como, com o futuro de cada ser humano, tão bem representada por Hannah Arendt na seguinte afirmação:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é também onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (Arendt, 2005, p. 247).

Como visto, a preocupação com o futuro e com as novas gerações ressoa nos escritos de Marques, visto que ele propõe uma educação voltada à renovação do mundo e à formação das crianças para os desafios do futuro. Como citado anteriormente, Marques argumenta que a educação é a expressão concreta da historicidade humana, manifestando-se em situações específicas ao longo do tempo e do espaço. Além disso, a educação é uma ação intencional de um grupo social sobre si mesmo e sobre a continuidade de suas gerações, implicando a socialização, a transmissão cultural e a construção de identidades pessoais.

EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM: A TAREFA DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA CULTURA, DA SOCIEDADE E DA PERSONALIDADE

Para Marques, o ser humano consiste, fundamentalmente, num ser que aprende, que constrói e reconstrói a si mesmo e ao seu próprio mundo por meio de processos de aprendizagem. Segundo ele, aprender é, ao mesmo tempo, uma capacidade inerente ao ser humano e uma tarefa existencial. Isso nos remete às afirmações de Klaus Eder (2001, p. 23) de que “não aprender é impossível” e que “os seres humanos são forçados por sua natureza a aprender”, pois, diferente de outros animais, eles não nascem prontos para a vida em sociedade e, para habitar o mundo no qual são inseridos, necessitam de formação.

No âmbito da educação, a aprendizagem possui papel central, especialmente quando compreendida no horizonte da linguagem e da interação. Ela é ação vital e

processo decisivo para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade. Por isso, Marques (2000a) demarca a aprendizagem não como mera adaptação ao que existe ou a um simples acréscimo de conhecimentos e habilidades, mas como reconstrução autotranscendente do ser homem, que se constitui por meio de processos formativos progressivos. Essa ideia se desdobra em três aspectos importantes e correlacionados: singularização, interação social e transcendência.

No que tange à singularização, a aprendizagem, para Marques, é um processo individual que leva em consideração as peculiaridades e potencialidades de cada sujeito. Apesar de acontecer em um contexto social e coletivo, a aprendizagem se concretiza na singularidade de cada indivíduo, formando-o como um sujeito para si. Embora seja um ser social, cada pessoa realiza um processo formativo específico e internaliza o aprendizado de forma única, de acordo com suas características, experiências prévias e o significado que atribui à própria experiência vivida.

Mesmo singular, a aprendizagem não acontece no isolamento, pois o ser humano é um ser eminentemente social. Nesta direção, para Marques, o fato de o ser humano ser um entre outros humanos é fundamental, pois a pessoa se constitui em sociedade. A interação com o outro, a troca de experiências e a participação em grupos sociais são elementos essenciais para a construção do conhecimento e a formação dos indivíduos.

A transcendência denota, para Marques, que a aprendizagem impulsiona o indivíduo para além de si mesmo, em um processo formativo de autotranscendência. O aprendizado não se limita ao presente, mas projeta o indivíduo para o futuro, ampliando suas capacidades e horizontes, assim como os de sua comunidade. Por meio da aprendizagem, o ser humano se torna capaz de agir no mundo, transformando a si mesmo e a realidade que o cerca, tornando-se promotor da mudança de si mesmo e da própria sociedade.

Importa notar que, para Marques (2000a), os processos de aprendizagem são eminentemente simbólicos e estão inseridos em instituições sociais como a família, a sociedade civil, o Estado, a escola e a Igreja, entre outros. Como visto, enquanto ser genérico, o ser humano aprende e se desenvolve por meio da interação, no diálogo com o outro, no recurso à cultura da humanidade e às fontes de integração da sociedade. Enquanto singularidade, aprende e se desenvolve mediante processos de singularização e de individuação, expressos nas necessárias estruturas e capacidades do eu e no desenvolvimento progressivo de um autoentendimento enquanto identidade de si mesmo (Casagrande; Hermann, 2017).

Ademais, nos escritos de Marques, seguindo a compreensão habermasiana, observamos que os processos de aprendizagem são fundamentais para a construção e reconstrução da cultura, da sociedade e da personalidade, sendo articulados e sedimentados nas tradições culturais, nos modos de integração social, ou de solidariedade, e nas formas de autoentendimento⁵. Por isso,

⁵ Existem alguns textos de autores brasileiros que podem ser de interesse do leitor para aprofundar essa discussão a partir da obra de Habermas: Boufleuer (2001); Dutra (2005); Casagrande (2009); Casagrande e Boufleuer (2018); Casagrande e Hermann (2017).

[...] a educação assume assim, papel ativo de aprendizagem coletiva e da potencialização do desenvolvimento cognitivo, prático-moral e expressivo estético, em que se assegure o domínio das sempre outras situações a enfrentar no mundo das tradições culturais, no espaço social do convívio em grupos e no respeito e afirmação das identidades pessoais (Marques, 1993, p. 13).

Mediante processos de aprendizagem, abre-se a possibilidade de construção e reconstrução dos saberes culturais acerca do mundo objetivo, traduzidos em saberes técnicos e instrumentais; dos saberes referentes ao mundo social, entendidos como saberes éticos e políticos; e dos saberes de si mesmo, ou saberes autoexpressivos e estéticos. Nesse sentido, ele concorda com Habermas ao afirmar que “a aprendizagem enquanto ação comunicativa constitui-se, assim, no meio através do qual se formam e se reconstróem a cultura, a sociedade e a singularização da personalidade” (Marques, 2000a, p. 31).

Importa destacar que o mundo da vida é o horizonte a partir do qual os processos de aprendizagem se efetivam por meio da construção e reconstrução da cultura, da sociedade e da personalidade, ou seja, esses processos de aprendizagem operacionalizam-se no e pelo agir comunicativo, pois através dele são possíveis o entendimento recíproco, a coordenação das ações dos diversos agentes e a vivência de processos de individuação socializadora (Casagrande; Boufleuer, 2018).

Como já mencionado, Marques (1993) atribui à educação e à aprendizagem a tarefa de construção e reconstrução da cultura, da sociedade e da personalidade. A seguir, discutiremos um pouco mais essa perspectiva.

No âmbito da cultura, entendemos que a educação, como processo de constituição do eu e do mundo, valoriza os processos qualitativos de aprendizagem que incluem o domínio de códigos culturais essenciais, a competência comunicativa, a capacidade de explicitar compreensões sobre si e o mundo, a possibilidade de entender problemas da realidade atual e, simultaneamente, de tomar decisões e continuar aprendendo e se desenvolvendo.

Marques afirma, ainda, que “a aprendizagem é esse entrelaçamento da personalidade de cada um e do mundo sociocultural” (Marques, 2000a, p. 29). Isso destaca a importância dos processos qualitativos que promovem a aprendizagem, especialmente os relacionados ao reconhecimento do outro, à contextualização dos códigos culturais, à capacidade de compreender e resolver problemas reais, de comunicar-se e entender a si mesmo, de tomar decisões e agir com prudência, bem como, de viver em comunidade. Para Marques (2000a, p. 24), a aprendizagem no contexto cultural ocorre “à medida que o sujeito singular entra em relação ativa com o seu mundo, mediado pelos procedimentos e formas de atuar, pelos objetos e pela linguagem, socialmente elaborados e reconhecidos por um sujeito coletivo”.

Neste sentido, a educação amplia os horizontes dos indivíduos em termos de conhecimentos, relacionamentos e expressão pessoal, enriquecendo-os por meio das experiências vividas. Esse processo engloba o saber acumulado pela humanidade

ao longo do tempo. Na educação, pessoas e grupos com diferentes experiências se encontram em um diálogo dinâmico e desafiador, onde cada um, a seu modo, compartilha exemplos das inúmeras possibilidades de desenvolvimento e realização humana. Essa troca permite que todos os envolvidos explorem a amplitude da experiência humana enquanto constroem e reconstroem a vida em sociedade (Marques, 1993, 2000a).

Já os processos de aprendizagem, de subjetivação intersubjetiva e de constituição de identidades pessoais, algo fundamental no contexto educativo, têm seus *locus* de efetivação no contexto fluído do mundo da vida. Tais processos correlacionam-se com as tradições culturais, com o pertencimento a grupos sociais específicos e com a participação em interações socializadoras. Tratam-se, fundamentalmente, de processos intersubjetivos e linguísticos, pois

Os sujeitos dotados da capacidade de linguagem e de ação só se constituem [...] como indivíduos, na medida em que, enquanto elementos de determinada comunidade linguística, crescem num universo partilhado intersubjetivamente. No âmbito dos processos comunicativos de formação, as identidades do individual e do coletivo são *coevas* na sua constituição e preservação. Com o sistema de pronomes pessoais instalou-se, então, um imperativo inflexível de individuação na linguagem de interação socializante orientada para a comunicação; através da mesma mediação da linguagem quotidiana, contempla-se, a um mesmo tempo, a intersubjetividade socializante (Habermas, 1999, p. 18).

A aprendizagem refere-se, por um lado, a um processo pessoal, que implica descentração, superação do egocentrismo inicial e ganho de capacidade de abstração. A descentração ocorre mediante a internalização de estruturas externas, com a consequente modificação das estruturas internas do pensar, do julgar e do agir. Trata-se de um processo contínuo, nunca terminado, em que os novos elementos são integrados a um eu que vai se estruturando gradativamente. Por outro lado, aprender também implica desenvolver e integrar elementos que o sujeito ainda não possui, retendo-os em si mesmo e tornando-os parte da ação. Nesse sentido, aprender é sinônimo de desenvolvimento de aptidões, de capacidades e de competências, as quais podem ser epistêmicas, morais ou interativas.

ALGUMAS IMPLICAÇÕES DA LEITURA DE TEXTOS DE MARIO OSORIO MARQUES

Nesta seção, abordaremos algumas implicações ao campo educacional da leitura que realizamos dos textos de Mario Osorio Marques, especialmente dos conceitos de educação e de aprendizagem, bem como, do exercício hermenêutico reconstrutivo por ele proposto. Chamamos a atenção que se trata, antes de tudo, de um exercício interpretativo, de uma leitura realizada, que apontou um conjunto de conceitos e sentidos, a saber: as implicações do exercício hermenêutico e reconstrutivo na educação; a compreensão da educação como processo de construção e reconstrução do humano; a centralidade dos processos de aprendizagem; e, por fim, a compreensão da Pedagogia como ciência da educação e dos educadores.

O necessário exercício hermenêutico reconstrutivo em educação

A significativa obra escrita de Mario Osorio Marques denota um autêntico exercício hermenêutico do autor que objetiva reconstruir conceitos, atualizar sentidos e significados e melhor compreender o campo educacional, bem como, os processos que nele são colocados em prática. Trata-se, fundamentalmente, de um diálogo genuíno com a tradição cultural, com os clássicos, com a teoria da ação comunicativa e com a realidade concreta do mundo presente⁶. Atualizar a história conceitual, ou desenvolver uma consciência histórica, tal qual nos apontava Gadamer (2006), consistiu no exercício proposto por Marques em seus escritos. Trata-se, fundamentalmente, nas palavras de Marques (2000a, p. 11), do exercício de “repensar o nosso pensamento pedagógico no que ele tem de impensado, nos seus supostos mais esconsos”. Esse exercício deveria ser realizado pelos educadores, de forma individual e coletiva, constituindo-se também tarefa da escola enquanto instituição social formativa, e da Pedagogia, por se tratar da ciência da educação.

Em relação à tradição cultural, Marques ressalta que, embora os conceitos clássicos possam inspirar a reflexão contemporânea, é necessário interpretá-los de acordo com os desafios e contextos específicos do presente, ou seja, trata-se, fundamentalmente, de realizar o exercício hermenêutico reconstrutivo em relação à tradição, buscando dialogar com a realidade, estabelecendo novos sentidos e novos significados aos desafios do cotidiano, especialmente o escolar (Marques, 1993, 2000c).

Nesta direção, a obra de Marques contribui, efetivamente, com o pensamento educacional brasileiro a partir do exercício dialógico e reconstrutivo que ele estabeleceu com a tradição e a realidade. Ele foi um dos pioneiros, no Brasil, a defender a importância da virada linguística e do potencial do conceito de razão comunicativa, de Habermas, para entender o campo da educação. Como exemplo disso, é possível destacar que Marques utilizou amplamente o conceito de reconstrução tal qual o havia utilizado Habermas, especialmente com o foco no potencial de reconstrução teórica e social⁷.

Há, também, em seus escritos, um potencial hermenêutico reconstrutivo e crítico a ser explorado, visto estar a escola “vinculada ao mundo da vida e, ao mesmo tempo, distanciada para a reflexão crítica” (Marques, 1990, p. 17). Este exercício é ofício da Pedagogia, pois a ela cabe uma tripla tarefa hermenêutica reconstrutiva: a crítica reflexiva diante das condições sócio-históricas, nas quais os projetos educativos são

⁶ Precisamos mencionar e indicar aqui o artigo de Adams, Sousa e Junges (2020), que versa sobre a relação hermenêutica e a teoria da ação comunicativa na obra de Marques.

⁷ Nobre e Repa (2012, p. 17) afirmam que o conceito de reconstrução é central em Habermas, e que teve “seu sentido modulado conforme o momento da história”. Eles identificaram quatro momentos desse conceito: nos textos dos anos de 1960, a categoria de reconstrução estava relacionada à crítica da ciência e da ideologia mediante a configuração de uma teoria crítica; na década de 1970, a reconstrução referia-se às ciências reconstitutivas da evolução ontogenética do ser humano e da sociedade, na perspectiva da pragmática formal e da evolução social; nos anos de 1980, com a Teoria da Ação Comunicativa, o conceito de reconstrução passou a significar uma reconstrução da história da teoria, com ênfase na análise e utilização dos clássicos; na última fase, a partir de 1990, essa categoria passa a ser identificada com a reconstrução de instituições sociais sob os supostos formais da teoria do discurso (Nobre; Repa, 2012).

colocados em prática; a crítica reflexiva diante da forma como os projetos educativos e o currículo são planejados e operacionalizados; e a crítica reflexiva diante da burocratização e da divisão social das funções escolares (Marques, 1990).

Vale destacar que esse exercício hermenêutico reconstrutivo pressupõe a ênfase na interlocução de saberes, concebida como uma estratégia epistemológica para a construção do conhecimento e a transformação social. Marques, neste viés, argumenta que o conhecimento é construído por intermédio de um autêntico “diálogo de saberes, não troca de informações” (Marques, 1996, p. 14), ou seja, por meio do diálogo entre diferentes perspectivas e áreas do conhecimento, rompendo com a visão tradicional de uma hierarquia entre saberes e de saberes que não se comunicam. O autor ressalta, também, a importância da interação entre o conhecimento científico e o senso comum, visto que o saber popular e as experiências cotidianas dos estudantes são tão importantes quanto o conhecimento científico formal, e, ainda, afirma que a interdisciplinaridade é fundamental para a compreensão da complexidade do mundo.

A interlocução de saberes, para Marques, tem implicações profundas nas práticas educativas. O educador, ao considerar as experiências e os saberes já pertencentes aos estudantes, valoriza o conhecimento prévio e as experiências advindas do mundo da vida deles, tornando o processo de aprendizagem mais contextualizado e significativo. Além disso, quando a sala de aula se converte em um espaço de diálogo e de interação, onde o estudante é sujeito e protagonista da sua aprendizagem, abrem-se possibilidades de novos arranjos metodológicos.

A ênfase de Marques na interlocução dos saberes oferece importante contribuição à construção de uma educação mais democrática, participativa e transformadora. Entendemos que seus trabalhos possuem potencial para continuar a inspirar educadores e pesquisadores a repensarem suas práticas pedagógicas e a buscarem uma educação que valorize a diversidade, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.

Educação, construção e reconstrução do humano

Para Marques (1993), o agir comunicativo é o modo mediante o qual os componentes estruturais do mundo da vida – cultura, sociedade e personalidade – se constroem, se reconstróem e se reproduzem nas formas de tradições culturais, solidariedades e identidades pessoais. Como vimos, há um vínculo estreito entre os componentes do mundo da vida e a educação, compreendida como formação, pois aquele se constitui no horizonte, no pano de fundo a partir do qual ocorrem os processos de aprendizagem, fundamentais à apropriação e à reconstrução do saber cultural, à renovação dos modos de coordenação e de integração da sociedade e aos processos de formação da identidade dos diversos sujeitos sociais.

Interessa-nos, aqui, destacar a tarefa de formação do humano. Na perspectiva apresentada, a educação configura-se como o esforço permanente do ser humano por constituir e reconstituir a si mesmo e ao seu mundo, num processo eminentemente intersubjetivo. A educação, considerada sob o prisma da intersubjetividade, surge como

possibilidade histórica das pessoas se constituírem enquanto subjetividade e identidade e, conjuntamente com outros sujeitos, estruturarem seu mundo.

A função básica da educação constitui-se em “inventar historicamente o homem” (Fiori, 1992, p. 85), o que ocorre por meio da participação ativa e criadora do próprio homem na invenção da cultura e no desenvolvimento do seu aprendizado. Assim, educação, aprendizagem e formação histórica do homem equivalem à produção da existência, pois aprender “não é saber como foi o mundo ou como deverá sê-lo, mas é o esforço por reinventá-lo numa práxis que assume e supera as condições objetivas” (Fiori, 1992, p. 86).

Em outras palavras, educar é constituir o mundo à base dos sujeitos, pensá-lo e repensá-lo como um todo, num processo coletivo de construção participativa. Por isso, ao refletirmos acerca dos elementos constitutivos da educação, necessariamente devemos abordar a questão da subjetividade, da identidade e da formação dos diversos sujeitos sociais, visto que o ser humano, a sociedade e os processos formativos são elementos interconectados e interdependentes.

Como aponta Marques (2000a), a educação possui a tarefa de constituir o humano, e aprender implica a possibilidade de reinventar o mundo em uma perspectiva intersubjetiva e participativa. O papel das instituições educativas, portanto, é fundamental para garantir que os processos de aprendizagem se realizem de maneira a formar sujeitos autônomos, responsáveis e aptos para atuarem em uma sociedade democrática. Nesse sentido, a educação é mais do que a transmissão de conhecimentos técnicos; é um esforço contínuo para a construção de subjetividades e a formação de indivíduos capazes de agir e interagir eticamente em sociedade. Deve, assim, ser repensada como um processo intersubjetivo, no qual os sujeitos, em conjunto, se constituem e constituem o mundo.

Essa compreensão da educação, que Marques se esforça por evidenciar em seus escritos, e que denota um modo de alargamento da visão que possuímos dos processos formativos, implica questionar o caráter reducionista da formação no sistema educacional atual, que prioriza os aspectos técnicos e instrumentais em detrimento de outros elementos, como os éticos e os estéticos. Nesse sentido, entendemos que não se deve negligenciar a busca por uma formação integral do ser humano, com aprendizagens contínuas que propiciem a autonomia dos sujeitos e a construção do ideal de uma sociedade democrática e participativa.

A centralidade da aprendizagem

Para Marques (2000a), a aprendizagem denota processos de reconstrução do ser humano, que se torna singularizado, capaz de autorregulação e de participação ativa na vida em sociedade. A aprendizagem não se limita à aquisição de conhecimentos e habilidades, mas implica na transformação do indivíduo em um sujeito ativo e participativo na vida da comunidade. Por isso, Marques enfatiza o papel da mediação social na aprendizagem, reconhecendo a importância da interação entre indivíduos e

com o mundo e, ao mesmo tempo, do papel que as comunidades concretas possuem no estabelecimento de um ideal de formação e de formas específicas de vida coletiva.

Marques (2000a) destaca que a aprendizagem, como processo de reconstrução, inicia-se na família, que é o primeiro espaço de socialização e de formação da identidade. A escola, por sua vez, assume um papel crucial na sistematização e intencionalidade da aprendizagem, proporcionando aos indivíduos as ferramentas necessárias para se tornarem cidadãos ativos e participantes na sociedade. Como espaço social de aprendizagem, a escola deve promover a interação entre os alunos e a troca de saberes, criando um ambiente propício para a reconstrução individual e coletiva, bem como, a interação entre educadores e estudantes na construção do conhecimento e na transformação e humanização do sujeito histórico.

Marques argumenta que a educação lida fundamentalmente com o conhecimento, uma “armadura interna e suporte da vida humana em sociedade” (Marques, 1988, p. 8). Nesse caminho, o autor defende que a educação deve ir além da mera reprodução de informações e conhecimentos prévios, promovendo a humanização dos indivíduos e a transformação da sociedade. Argumenta que o conhecimento possui estrutura comunicativa e dialógica, sendo construído por meio da interação entre educadores e educandos, os quais trazem suas próprias experiências e saberes para o processo educativo. Nesse sentido, a linguagem desempenha um papel crucial na educação, servindo como instrumento de comunicação, emancipação e formação do sujeito.

No que concerne ao conceito de interlocução de saberes, Marques defende que o conhecimento é construído por meio do diálogo entre diferentes perspectivas e áreas do saber. Segundo ele, essa interlocução é fundamental para compreender a complexidade do mundo contemporâneo e para a formação de cidadãos críticos e participativos. Nesse cenário, a Pedagogia necessita atuar como um saber que integra diferentes áreas. Além disso, o modelo tradicional de educação deve ser revisto, pois se concentra na transmissão passiva de informações, o que pressupõe a emergência de uma abordagem que valorize a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento.

Em relação aos conteúdos dos processos de ensino e aprendizagem, esses podem ser encontrados nos referenciais teóricos, nas vivências quotidianas dos educandos, nas pré-compreensões acerca do mundo da vida, nas diversas ciências e nas disciplinas do currículo escolar. Por um lado, é importante entender que tais conceitos são produções históricas, sujeitas à revisão e escolhas, ou seja, a assimilação dos conteúdos da tradição cultural não pode ser ingênua, nem desconsiderar os processos de atualização e validação. Assim, segundo Marques (2000a, p. 115), na escola “não se ensinam coisas ou saberes prontos, mas relações conceituais em que se articulam as práticas sociais com as razões que as impulsionam e delas derivam”. Trata-se, portanto, do processo de “traduzir o plano da realidade vívida para o da idealidade dos conceitos e, em seguida, retraduzir o plano conceitual ao campo da vida cotidiana, onde se tornam concretas as relações tematizadas” (Marques, 2000a, p. 115). Por outro lado, é necessário considerar que “os estudantes não vão à escola para aprender o que já sabem” (Young, 2011, p.

614) . Por isso, podemos dizer que os conceitos oriundos da cultura, da ciência e do conhecimento histórico são conteúdos formativos de primeira grandeza. Ninguém deve ser excluído do trabalho com o conceito, ou de pensar por si mesmo, pois “o desenvolvimento intelectual é um processo baseado em conceitos e não em conteúdos ou habilidades” (Young, 2011, p. 614).

Como já destacado, o conceito de aprendizagem proposto por Marques (1996, 2000a) enfatiza o processo de singularização do indivíduo em uma perspectiva intersubjetiva ou no seio do contexto social, demarcando a importância da interação, da linguagem e da construção do conhecimento a partir de experiências prévias, da interlocução dos saberes e de uma ação protagonista dos estudantes. O autor concebe a aprendizagem como um processo dinâmico e transformador, que visa à formação integral do ser humano e à sua consequente participação ativa na sociedade. Como visto, a aprendizagem não se limita à aquisição de conhecimentos técnicos, mas visa a formação de um cidadão responsável, capaz de conviver em comunidade, que desenvolve valores éticos, senso crítico e autonomia, formando-se para participar ativamente da vida democrática da sociedade.

Pedagogia como ciência da educação e dos educadores

Como apontado anteriormente, para Marques existem correlações entre os conceitos de educação, formação, aprendizagem, conhecimento e Pedagogia. O conhecimento é uma ferramenta de humanização do indivíduo e de transformação da sociedade. A Pedagogia, como ciência da educação e dos educadores, guia a ação educativa, como um saber teórico-prático sobre a organização e a condução dos processos educativos, em direção à emancipação humana⁸.

Em relação ao conhecimento, Marques (1988, 1993) argumenta que se trata do objeto central do processo educativo, rejeitando a ideia de uma transmissão passiva de informações em favor da sua construção ativa, por meio da interação entre educadores e estudantes, destacando, também, a importância do contexto social e da interação com o mundo na construção e reconstrução do conhecimento.

No que diz respeito à Pedagogia, Marques (1996) a define como uma ciência e, ao mesmo tempo, a ciência dos educadores. Segundo ele, é a ciência que se dedica à compreensão, organização e condução dos processos educativos, buscando articular a teoria e a prática no interior dos processos educacionais. Trata-se daquele saber acerca “de como se constrói o conhecimento a respeito do educar” (Marques, 1996, p. 10). A Pedagogia, na qualidade de ciência do educador, orienta o fazer educativo, estabelecendo objetivos, metodologias e estratégias que sustentam a trajetória formativa, dando unidade e coerência aos processos educacionais.

⁸ Esses temas são abordados com profundidade em diversas obras de Marques, especialmente em “Conhecimento e educação” (Marques, 1988), “Pedagogia, a ciência do educador” (Marques, 1996), “Conhecimento e modernidade em reconstrução” (Marques, 1993) e “Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência” (Marques, 2000a).

Em sua primeira e fundamental tarefa de vincular as práticas educativas a uma sólida condução teórica, incumbe à Pedagogia dar unidade e coerência, no que se refere aos processos da educação, a um discurso processual comum, em que se intercomunique as ciências empíricas e as bases racionais em que assentam, os elementos cognitivo-instrumentais e os elementos práticos, normativos, emancipatórios e estéticos da cultura e do processo amplo da linguagem isenta de coações (Marques, 1996, p. 84).

Nesta direção, Marques (1996) defende a necessidade de uma Pedagogia que supere o divórcio entre o saber e o fazer, entre aqueles que planejam a educação e aqueles que a põem em prática; uma ciência que ultrapasse a mera aplicação de métodos e técnicas e que incorpore a reflexão crítica, a ética e a compreensão do contexto social. Para o autor, a Pedagogia deve ser um guia para a ação educativa, permitindo que “o coletivo dos educadores possa firmar-se na capacidade de pensar, organizar e conduzir suas práticas educativas, não fechados em si mesmos, mas vinculados ao universo da ação histórica” (Marques, 1996, p. 12), em busca da aprendizagem e da emancipação humana.

É importante destacar que Marques (1996) propõe uma Pedagogia que transcende os fundamentos metafísicos e os modelos instrumentais de racionalidade. Na educação, sugere a busca por teorias da reciprocidade, a construção de consensos mínimos, legitimados coletivamente, que orientem a prática pedagógica por meio do diálogo e do consenso entre os diversos atores do campo educativo. Por este motivo, a educação deve ser fundamentada “no mundo dos homens que ouvem uns aos outros, postos à escuta das vozes que os interpelam” (Marques, 1996, p. 163).

Essa perspectiva pedagógica se configura como uma práxis pautada na intersubjetividade, na interação e no diálogo, promovendo a construção conjunta de identidades e comunidades significativas.

É no diálogo dos educadores/educandos que se constrói a Pedagogia. Diálogo que significa o confronto dos educadores/educandos no coletivo em que se constituem como alteridades distintas e que significa também a dialética das relações entre a Pedagogia que se constrói pelo coletivo dos educadores/educandos e a Pedagogia que os constrói como tais. A Pedagogia inicia, como tradição, por formar os educadores/educandos, o que se consegue, quando eles alcançam, por sua atuação, reconstruí-la como ciência deles (Marques, 1996, p. 164).

O apelo ao diálogo e ao agir comunicativo é uma pressuposição necessária à vida comunitária e à manutenção da existência humana como a conhecemos. É, igualmente, um pressuposto aos processos de construção de conhecimento e da consecução da Pedagogia como ciência da educação e dos educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio, que retoma alguns dos aspectos da significativa obra de Mario Osorio Marques, destacado educador e intelectual brasileiro, buscou compreender os conceitos de educação, de formação e de aprendizagem, apontando suas correlações e algumas implicações ao campo educacional. Apresenta foco hermenêutico, sem pretensão totalizadora ou de exaurir o potencial interpretativo presente na obra deste autor.

Destacamos que Marques resgata e reinterpreta o conceito de educação como um processo formativo integral e contínuo da pessoa humana, abrangendo as múltiplas dimensões do ser humano e a abertura ao outro, à natureza e à sociedade. O conceito de formação, interpretado historicamente e a partir de um exercício hermenêutico reconstrutivo, aponta a fecundidade do ato de revisitar os clássicos como meio de melhor interpretar a situação presente. Em Marques, a educação pode ser compreendida como formação e, ao mesmo tempo, humanização, visto que os processos educativos possuem a tarefa de desenvolver o ser humano em sua integralidade e em suas múltiplas dimensões.

Além disso, a educação e a formação do humano são possíveis por meio de processos de aprendizagem que ocorrem durante toda a vida e abarcam as múltiplas dimensões da pessoa humana. Marques entende a aprendizagem não como mera adaptação ao existente ou simples acréscimo de conhecimentos e habilidades, mas como um processo de reconstrução autotranscendente do ser humano e dos componentes estruturais do mundo da vida: a cultura, a sociedade e a identidade. Nessa perspectiva, cabe à escola a tarefa de orientar os processos de aprendizagem com foco na compreensão da estrutura simbólica do conhecimento, na incorporação e reconstrução dos saberes culturais, na formação da responsabilidade e dos laços de solidariedade e na estruturação de identidades pessoais condizentes com os desafios do mundo atual.

O exercício hermenêutico reconstrutivo em educação, intento realizado por Marques em seus escritos, levou-o a aproximar-se da teoria da ação comunicativa de Habermas. Isso permitiu-lhe compreender o conceito de educação desde a perspectiva da intersubjetividade, da comunicação e dos processos interativos nela implicados. Por isso, é evidente seu cuidado ao apontar que as práticas pedagógicas escolares não podem prescindir da convivência e do contato com o outro, visto que são fundamentais à aprendizagem e ao desenvolvimento integral dos educandos. Ao mesmo tempo, percebemos seu destaque ao papel desempenhado pelos educadores e instituições educativas, especialmente nos processos de aprendizagem e na formação de sujeitos autônomos e responsáveis para viver em uma sociedade democrática.

Por fim, é necessário destacar o entendimento de Marques acerca da Pedagogia como ciência e, ao mesmo tempo, como ciência da educação e dos educadores, ou seja, vemos claramente em sua obra a compreensão de que a Pedagogia se estrutura como uma ciência, nunca isoladamente das demais ciências, mas aberta ao diálogo e à interdisciplinaridade. Ao mesmo tempo, a Pedagogia consiste na ciência da educação, visto seu foco ser os saberes acerca do ensinar e do aprender, sobre a organização e a condução dos processos educativos. Ressalta-se, nesse viés, que a Pedagogia é a ciência dos educadores, nunca isolados, mas convidados coletivamente, em diálogo com a comunidade e atentos ao próprio contexto histórico-social, a estruturar saberes acerca de si mesmos e das ações educativas, por meio da reflexão crítica sobre o próprio fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Adair; SOUZA, Antonio Escandiel de; JUNGES, Fábio César. Interlocuções teóricas em educação: olhar de Mario Osorio Marques sobre hermenêutica e teoria da complexidade. *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, v. 22, n. 2, p. 43-51, 23 dez. 2020.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas*. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.
- BOUFLEUER, José Pedro; REZER, Ricardo. Mario Osorio Marques: breve biografia de um pensador da educação. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 18, n. 37, p. 15-27, 2016.
- CASAGRANDE, Cledes Antonio. *Educação, intersubjetividade e aprendizagem em Habermas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- CASAGRANDE, Cledes Antonio; BOUFLEUER, José Pedro. A educação e a tarefa de formação da cultura, da solidariedade e da personalidade. *Educação, [S.l.]*, v. 41, n. 1, p. 135-144, 2018.
- CASAGRANDE, Cledes Antonio; HERMANN, Nadja. Formação e *homeschooling*: controvérsias. *Práxis Educativa, [S.l.]*, v. 15, p. 1-16, 2020.
- CASAGRANDE, Cledes Antonio; HERMANN, Nadja. Identidade do eu em contextos plurais: desafios da formação. *Pró-Posições*, Campinas, v. 28, p. 39-62, 2017.
- CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área do saber. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 7-18, jan. 2006.
- DUTRA, Delamar José Volpato. *Razão e consenso em Habermas: a teoria discursiva da verdade, da moral, do direito e da biotecnologia*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- EDER, Klaus. As sociedades aprendem, mas o mundo é difícil de mudar. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 53, p. 5-28, 2001.
- FIORI, Ernani Maria. *Textos escolhidos*. Educação Libertadora. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. *Revista Paz e Terra*, São Paulo, n. 9, p. 123-132, out. 1969.
- GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HABERMAS, Jürgen. *Comentários à ética do discurso*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.
- HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002b.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a. v. 1.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b. v. 2.
- MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e educação*. Ijuí: Editora Unijuí, 1988.
- MARQUES, Mario Osorio. Projeto pedagógico: a marca da escola. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 5, n. 18, p. 16-28, 1990.
- MARQUES, Mario Osorio. Os paradigmas da educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 73, n. 175, p. 547-565, 1992.
- MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: Editora Unijuí, 1993.
- MARQUES, Mario Osorio. *Pedagogia: a ciência do educador*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 1996.
- MARQUES, Mario Osorio. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2000a.
- MARQUES, Mario Osorio. A educação no limiar do terceiro milênio, exigente de outro paradigma. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 15, n. 60, p.71-79, 2000b.
- MARQUES, Mario Osorio. O docente em tempos mudados. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 15, n. 60, p.71-79, 2000c.

NOBRE, Marcos; REPA, Luiz. Introdução – Reconstruindo Habermas: etapas e sentido de um percurso. *In*: NOBRE, Marcos; REPA, Luiz (org.). *Habermas e a reconstrução: sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana*. Campinas: Papirus, 2012. p. 13-42.

YOUNG, Michel F. D. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 48, p. 609-623, set./dez., 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000300005>

Autor correspondente:

Cledes Antonio Casagrande

Universidade La Salle.

Av. Victor Barreto, 2288 - Centro, Canoas/RS, Brasil. CEP 92010-000

cledes.casagrande@unilasalle.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

